

Vasco Humberto de Souza (*1941-†2022)

Soube-se agora, por informação colhida na Internet, que faleceu, no passado dia 13 de Agosto de 2022, em Olching, na Alemanha, onde vivia com a família, o Dr. Vasco Humberto de Souza.

Natural de Goa, onde nasceu a 28 de Outubro de 1941, Vasco de Souza aí viveu com os seus familiares até à invasão perpetrada pela União Indiana. Em consequência, a família retirou-se para a Alemanha, onde se fixou.

Formado em História e Arqueologia, Vasco de Souza veio para Portugal pouco depois do 25 de Abril, tendo ingressado como equiparado a assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em cujo Instituto de Arqueologia prestou serviço e foi deveras apreciado pelos estudantes. Leccionou de 1977-1978 a 1979-1980 as cadeiras de Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas e Arqueologia (aulas teóricas e práticas, como então se dizia).

Desde logo, sob orientação do Professor Jorge de Alarcão, começou a pensar na elaboração da tese de doutoramento, tendo escolhido para tema a escultura romana. Nesse âmbito, começou de imediato a redigir artigos para a revista *Conimbriga*:

– «Uma cabeça de Augusto em Tomar», *Conimbriga* 16, 1977, p. 167-168.

– «Uma cabeça feminina romana de Faro», *Conimbriga* 17, 1978, p. 151-153.

– Recensão ao livro de Ranuccio Bianchi Bandinelli, *Introduzione all'archeologia classica come storia dell'arte antica*, Bari, 1976, *Conimbriga* 17, 1978, p. 173-175.

Tendo para o efeito percorrido o país, elaborou o *corpus* da escultura romana então conhecida, que veio a ser publicado: SOUZA (Vasco de), *Corpus Signorum Imperii Romani. Portugal*, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 1989 – edição que integrou esse monumental *corpus* de todo o Império Romano, que, nessa altura, estava a ser organizado a nível internacional, sob a égide da Association International d'Archéologie.

As peias burocráticas para eventual progressão na carreira docente – que já então se faziam sentir – levaram-no, porém, a pensar seriamente no futuro e, por isso, acabou por voltar para junto da família na Alemanha, onde continuou a desenvolver, pelo que se sabe, intensa actividade cultural, nomeadamente como tradutor e intérprete.

Isso não impediu que, nos primeiros anos, de saudoso regresso a Portugal, se não disponibilizasse a fazer conferências, proporcionando assim o que a experiência lhe acarretara. Orientou, por exemplo, a 3 de Março de 1986, no Instituto de Arqueologia, um seminário sobre «O retrato romano em Portugal».

Deixou saudades entre os estudantes e os docentes que com ele tiveram oportunidade de conviver, inclusive pela sua forma agradável de encarar a vida e de irradiar, além da sabedoria, boa disposição.

Foi, pois, com mui desagradável surpresa que lemos o anúncio do seu passamento:

Que descanse em paz!

À família enlutada, de modo especial à sua viúva, Monika (que também chegou a colaborar com a Faculdade de Letras) e aos seus filhos Manuel e Verena, apresentamos os mais sentidos pêsames.

José d'Encarnação